

Alexandre Farto / Vhils
12 de Março a 23 de Abril
Detritos

As culturas marginais dos graffiti e da *street art* têm sido profícuas nos últimos anos em trazer à frente novas e férteis propostas estéticas que se encontram algo removidas dos contextos mais tradicionais da arte contemporânea. Alexandre Farto, que se iniciou no *graffiti* sob o nome de Vhils, tem desenvolvido trabalho de autor desde o início da década de 2000, edificando uma proposta claramente sintonizada com uma leitura crítica do espaço urbano e do modelo de desenvolvimento sócio-económico que o promove e o sustenta.

Na continuação do trabalho que o autor tem produzido em contextos tanto de rua como de galeria, "Detritos" apresenta-se como uma reflexão sobre os resíduos que resultam do atrito exercido sobre determinadas superfícies que se manifestam como simbólicas. A profusão de camadas que compõem a estrutura das formas e objectos do nosso universo cultural urbano são tomadas como uma representação alegórica do acumular de experiências individuais e colectivas no decurso do processo histórico que, seguindo uma prática formalista manifestamente destrutiva, o artista tem procurado remover num acto simbólico de arqueologia. Contudo, onde nas séries anteriores da sua obra expressas no conceito "Scratching the Surface", o trabalho sobre cartazes de rua, paredes e outras superfícies devolutas procurava expressar e representar a procura de uma essência perdida sob essas camadas, em "Detritos" Alexandre Farto propõe-se explorar de um modo ainda mais intenso, recorrendo a processos ainda mais *brutalistas*, a fragilidade e volatilidade das edificações culturais de civilização e educação na condição contemporânea dos grandes centros urbanos, em que o agudizar das pressões sociais e económicas consegue facilmente fazer estalar o verniz acetinado que cobre a superfície e a aparência das coisas, trazendo ao cimo manifestações primárias e selvagens que em tempos de estabilidade e conforto são relativizadas e esquecidas, enterradas no passado longínquo, tidas como devidamente domesticadas e estabilizadas: extremismos, conflitos sociais, xenofobia, protecção e convulsões económicas, relações de exploração e dominação.

Em "Detritos", dois momentos de expressão diversa encerram em si a manifestação deste paradigma: o trabalho sobre cartazes representa todo o rasto visual da linguagem de dominância expressa pela publicidade, um falso discurso profético de promessas e ilusões, da construção de sonhos inatingíveis e utopias plastificadas que conduzem a população num percurso acrítico e desumanizado, como o "burro atrás da cenoura"; o trabalho sobre paredes encerra a ideia de fragilidade da condição social em tempos de crise, onde os estados mais basilares e conflituosos que parecem definitivamente enterrados sob as camadas que compõem o edifício histórico, são facilmente expostos com o mínimo de pressão, bastando uma pequena faísca para os trazer de novo à superfície, de forma explosiva, rompendo a fragilidade tênue e volátil das convenções e da estabilidade que as mantinha sob controlo.

Neste jogo de valorização das sobras, do realçar dos restos, da consciencialização do carácter explosivo das fragilidades do sistema, o autor sublinha o *eterno retorno* à condição primária do ser humano em sociedade, em que presente e futuro encontram-se de forma inextricável dependentes do passado, e as suas várias facetas mais não são que uma diversidade de expressões complementares da mesma realidade.